

DUKA, Marília. **Gritos no Silêncio e Sussurros no Jardim.**
Bauru (SP): Editora Canal 6.
contato: mariliaduka@gmail.com



“*Gritos no Silêncio e Sussurros no Jardim*” é o primeiro livro de Marília Duka, graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e graduanda em Letras Português/Francês. Lançado pela Editora Canal 6, de Bauru (SP), a obra traz 50 poemas e tem na capa foto de Iasmin Daher e prefácio de Luiz Vitor Martinello.

“Logo ao folhear este livro, o leitor se depara com uma divisão dos poemas em quatro partes, dispostas, especialmente, nesta ordem: Gritos, Silêncio, Sussurros e Jardim, como a indicar uma sequência narrativa. No entanto, é preciso dar-se conta de que um conjunto de poemas não constitui por si uma narrativa, cada poema é único, como personagens distintos, um poema podendo reiterar a voz do outro ou dizer o oposto. Daí porque o leitor pode ler cada poema deste livro aleatoriamente, deliciar-se com cada um, sem preocupação com a sequência estabelecida. *Gritos no silêncio e sussurros no jardim* é uma belíssima e criativa sinfonia de palavras a enriquecer a poesia”, diz o texto da contracapa.

Fonte:
<https://maringapost.com.br/angelorigon/2017/04/06/gritos-no-silencio-e-sussurros-no-jardim-traz-poemas-em-4-partes/>

PREFÁCIO

Gritos no silêncio e sussurros no jardim¹

Logo ao folhear este livro, o leitor se depara com uma divisão dos poemas em quatro partes, dispostas, especialmente, nesta ordem: *Gritos, Silêncio, Sussurros e Jardim*, como a indicar uma sequência narrativa.

No entanto, é preciso dar-se conta de que um conjunto de poemas, não constitui por si uma narrativa, cada poema é único, como personagens distintos, um poema podendo reiterar a voz do outro ou dizer o oposto, pois como diz Fernando Pessoa, “o poeta é um fingidor”.

Daí porque o leitor pode ler cada poema deste livro aleatoriamente, deliciar-se com cada um, sem preocupação com a sequência estabelecida. Particularmente, achei interessante o percurso de edição que Marília nos propõe, uma proposta feliz de organização de sua obra, um caminho que é um convite para que o leitor o percorra.

Assim, em *Gritos*, parte que abre o livro, nos deparamos com um eu lírico

¹ Os versos, fragmentos e vocábulos em *italico* sinalizam que foram extraídos dos poemas presentes no livro.

diferente dos eus líricos iniciantes em livros de poemas. É um eu lírico maduro, crítico, habitante da *civitas*, na obra entendida como um espaço de obrigatórias relações entre os humanos, espaço este problematizado, pois que essas relações se fazem pela negação da existência, um espaço de insensibilidades, de alienação, de *solilóquios*, de *individualismo*, de *desigualdades*, de *corações dilacerados*.

Contra esse estado de coisas o eu lírico grita. Habita a cidade, mas não a possui. Nela, por mais que deseje fincar *raízes*, *assemelha-se mais às folhas*, quer voar, é poeta. Há um distanciamento, um *silêncio ensurdecido* entre a voz que fala - a voz do eu lírico - e a cidade, pois que esta é insensível à *dor humana*.

Daí porque o eu lírico busque na poesia, *uma arte nobre*, um meio de diálogo com a *civitas*. Inspirando-se em Drummond (poeta, cujas referências são positivamente marcantes nesta obra, notadamente nesta primeira parte), esse eu lírico, após traçar um breve painel daquilo que não deva ser considerado poesia, afirma que poesia é *a espera de trazer voz à palavra que rompeu o silêncio*.

É através da poesia que o eu lírico, identificado com os *oprimidos*, os *rebaixados*, os *excluídos*, grita. Grita sua *solidão*, denuncia o *ódio*, a *hipocrisia*, a *desigualdade*, o *egoísmo*, grita contra os *muros de rejeição*, grita e *pede perdão*, pede ironicamente perdão por estar deslocado neste mundo, por não se *enquadrar aos estereótipos*, por não *ter fé*, por desejar uma *cidade imaginária*, onde sonhe *com um mundo melhor* em que se possa ser quem se é *verdadeiramente*, pede ironicamente perdão e cultiva uma *esperança desesperada de se encantar de novo*, reminiscência, talvez, dos tempos primordiais de que nos fala Platão.

Propõe então a resistência e sonha... Sonha com os *cantos escondidos* que deseja ouvir em *árvores tão vivas perfuradas pela aurora*. Quer o *mais puro feixe de luz que rompe fronteiras e constrói caminhos*. Através da poesia o eu lírico grita, sonha, grita e escreve, pois que sente necessidade de escrever, é *preciso escrever...*

Mas... *Silêncio...* (e aqui é a segunda parte do livro), pois que *ninguém escuta*, e *foram tantos os pedidos por ajuda*, *ninguém se move*. O coração do eu lírico batendo *inerte*, *silenciado*, *num verso que falta*.

Então é outra a perspectiva: embora continue registrando suas preocupações com seu redor, com esse nosso mundo, esse eu lírico passa a ter olhos para si mesmo, volta seu olhar para seu interior, perguntando-se sobre quem é. E se revela; *“Sou minha presa / Meu monstro. / Meu enfermo. / Sou o sangue que me escorre / a alma que me corta*. E mesmo tendo o peito *estalando*, *saltando*, *explodindo em desespero*, em *dor*, silencia a *lágrima seca*. Insone, entre a *luz* e a *escuridão*, os *olhos abertos*, perdidos *entre o nada e o vazio*, sofre com o *árido silêncio*. Por isso, *pede baixinho para que alguém o escute*, pede que alguém o *tire do seu silêncio perturbador*.

Reconhecendo-se só, respirando e transpirando poesia, pois que a poesia que transborda no papel está impregnada em suas veias, em sua alma, o eu lírico descobre o outro, a quem pode emitir seus versos, mesmo que sejam *Sussurros*. (E aqui somos introduzidos na terceira parte do livro).

Nihilismo, metalinguagem preenchem as páginas que se seguem, mas também principia a se esboçar presença do outro,

que chega como um bálsamo a acalmar a turbulência do eu lírico, a inspirar-lhe poemas descompromissados, criativos como *Sopro de vida*, *O bolsinho*, *Distância*, bem como poemas de amor, pois que o eu lírico é *um campo minado ansioso para ser habitado...*

Mas... O outro pode não ser para sempre. *A dor da perda sendo uma flecha no peito* do eu lírico, a perfurar seu âmagô.

Contudo, talvez seja essa dor que inspire versos de alta densidade dramática, a espelhar uma realidade suja, mas que dignificam a poesia, versos como os que seguem: *Preciso do sublime. / O mundano já não me basta. / Preciso dos tortos, dos malditos. / A conveniência me esmaga. / Preciso me criar do excepcional, como se fizesse nascer... do híbrido! // Quero um palco de anomalias.*

Outro belo poema inicia a quarta parte *Jardim: Flores caídas são poesias mortas / ... fotografias de desistência e frustração*. Para essas flores caídas, no entanto, o eu lírico tem um novo olhar e é com esse novo olhar que interroga: *por que não são simplesmente enfeites do chão?*

E por falar em flores, entre as memórias que cultivo está a memória dos jardins, tão presentes nas cidadezinhas do interior: “a mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores” e a simplicidade imponente do coreto, onde as bandinhas embalavam os sonhos dos apaixonados. Pois, o amor é o tema predominante em *Jardim*, como que uma retomada, um prolongamento do que apenas foi esboçado em *Sussurros*.

A princípio, vindo *de mansinho*, *sem pretensão*, num sentimento calado, tudo começando platonicamente com os olhos, crescendo num *fervor contido*, o amor de repente *invade* tudo. Toma de assalto o eu lírico, inunda-lhe os *sentidos com a força do mar em fúria*, o abraço apertado percorrendo *o pescoço*, delimitando *a clavícula*, desvendando *os ombros*, o beijo *demorado*, *impetuoso*, a vontade de *morder* o amor... O eu lírico jorrando lirismo e sensualidade, a plenitude do amor físico, a comunhão com o outro.

Muito significativa é a escolha do poema *No seu olhar* para fechar o livro. Numa belíssima ode ao amor, o eu lírico parece ter encontrado a chave para resolução de suas angústias. E como numa ladainha, ao dizer que a *morfologia*, a *sintática*, a *semântica*, o *dicionário*, o *tempo* não dão conta do amor, afirma uma concretude ao resumir: *amor é amar*. E individualiza seu conceito: *Nos teus olhos sinto o tempo do mundo. / Sinto a efemeridade de um segundo, / o acalanto da eternidade. Sinto a história se construindo, / o passado ajeitando seu lugar / e o futuro reservando o seu.*

O amor ilumina a *civitas*. Através do amor a história se constrói, o *passado* ajeita *seu lugar* e o *futuro* reserva o seu. O amor humaniza a *civitas*.

Gritos no silêncio e sussurros no jardim é uma belíssima e criativa sinfonia de palavras a enriquecer a poesia.

LUIZ VITOR MARTINELLO